



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Címbrio, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. *Talibala* - Lisboa • Telefone: 1

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

BARATEAMENTO DA VIDA

Um dos grandes problemas a das sessões de propaganda ou de protesto, temos de convir que também não logram endireitar o mundo, ou sequer atenuar levemente o mal. Apelar para o governo, ou para os deputados, ou para qualquer desses malcatres que poem e dispõem desta causa, é ingenuidade rematada em que ninguém cai já. Resta-nos, pois, um recurso único, que é o de agirmos nós próprios, de fazermos nós próprios, por nossas próprias mãos, tudo o que a nós nos diz respeito.

Não podemos ainda, é certo, desapossar os terratenentes da riqueza desprezada que retem, mas podemos estabelecer uma tam forte corrente de opinião que se venham os mandantes moral e moralmente coagidos a fazer, finalmente, alguma coisa de proveitoso para a greve, rompendo com os interesses egoístas dos proprietários, a menos que não prefiram continuar desprezando os nossos, esticando assim, cada vez mais, o fio já bastante retezido, já extremamente tenso, que é a paciência popular, e que, fatal é, acabará por rebentar um dia, excedida a sua máxima elasticidade.

Faz um ano, tendo previamente elaborado um completo programa de reclamações, empreendeu a U. O. U. um grande passo para alcançar satisfação ao que reclar-má.

Não alcançou grande causa, como é sabido. Mas isso não obsta a que venha a C. G. T., constituída em meio das aclamações entusiásticas dos congressistas de Coimbra, prosseguir na marcha iniciada, reunindo em torno a si todas as energias operárias, porque são estas a matéria prima com que os triunfos se fabricam. A vida, os gêneros de constante consumo, o pão, a carne, o peixe, os combustíveis, o vestuário e as habitações não podem continuar nos preços inacessíveis em que a ganância dos vampiros comerciais os colocam. Este roubo cotidiano, permanente, autorizado ou consentido pelas leis e pelos legisladores tem de terminar. A esta indignidade tem de pôr-se um termo. Estude cada um meios profícios de conseguir as melhorias desejadas. E proceda-se duma maneira decisiva, que a continuação deste estado de coisas não nos faz sucumbir de inanição como nos atola de opróbrio se mantivermos uma atitude resignada.

Desde já aconselhamos o consumidor a não confiar na ação do governo. Este, pelas suas estreitas relações com a burguesia dominante, a que está ligado por mil e um interesses, não pode perseguir os seus fiéis aliados de sempre; quando muito, representará o papel principal na trágico-médio do combate à carestia da vida promovido pelas regiões oficiais. Umas apreensões, um ou outro estabelecimento encerrado — sedento por capaz — depois, os assabarcadores ficarão em paz; nunca mais serão molestados e poderão, à vontade prosseguir, com os seus inconfessáveis negócios.

Desde já o declaramos muito francamente: não confiamos na ação do governo. Este, pelas suas estreitas relações com a burguesia dominante, a que está ligado por mil e um interesses, não pode perseguir os seus fiéis aliados de sempre; quando muito, representará o papel principal na trágico-médio do combate à carestia da vida promovido pelas regiões oficiais. Umas apreensões, um ou outro estabelecimento encerrado — sedento por capaz — depois, os assabarcadores ficarão em paz; nunca mais serão molestados e poderão, à vontade prosseguir, com os seus inconfessáveis negócios.

As inflamações oratórias

A VIDA, HOJE, É UM MARTÍRIO

As providências governamentais nada resolverão

Só o consumidor pode obrigar o comércio a baixar os preços dos gêneros — As proezas da firma

* * * Jerónimo Martins & Filhos *

Pouco antes do Congresso de Coimbra, começou este jornal dedicando largo espaço à grave questão da carestia da vida, verberando os consumidores pelo seu indiferentismo, os governantes pelo deixarem passar, pelas largas malhas da rede lançada aos assabarcadores, todas as grossas negociações, e os "honrados" comerciantes da nossa praça, pela sua ânsia de largos lucros e ausência de escrúpulos. Depois, o relato do Congresso absorveu por completo toda a nossa atenção, convergindo para a magna reunião de Coimbra, onde problemas bem complexos e que bastante interessam ao operariado, foram largamente tratados. Então, como que obedecendo a um *mot d'ordre*, toda a imprensa defensora dos interesses capitalistas se lançou numa intensa campanha contra a carestia da vida, campanha de cuja sinceridade muito duvidamos. Correspondendo a essa campanha da imprensa burguesa, iniciada por curiosa coincidência, precisamente num momento em que o órgão operário era forçado a abandonar a questão das subsistências, o governo declarou solenemente ir defender com energia os interesses dos consumidores, lançando para isso, mão de todos os recursos. Assim, determinou já que os gêneros não podem estar retidos mais de oito dias nas alfândegas, fio os quais passam a ser propriedade do Estado, e os agentes de polícia lançaram-se na descoberta de produtos assabarcadores, efectuando a apreensão de uma enorme quantidade de bacalhau pôr perda da sr. Manuel Cae-tano Alves, conchido bacalhauero democrático desse país, de esperar sendo, atendendo demais à pronta defesa, que em folhas republicanas encontrou, que esse assabarcador não receba o justo preço das suas proezas.

Elvira Simões, sua Diário de Notícias, 120, r/c; Maria José Martins, travesa da Espera, 51, 3.º; Sára Fonseca, sua Garcia, ao Arco de Carvalhal; Adelina de Jesus, sua Silva e Albuquerque, que, 67, 2.º.

* * *

Uma vez que a guerra está acabada, como justificam os comerciantes a manutenção da carestia da vida? Os transportes estão mais baratos, os seguros de guerra, uma das principais causas de elevado preço de muitos gêneros de largo consumo, igualmente desapareceram com a guerra submarina? Como se explica isto? Como se justifica isto?

Se peia ganância levado a um exímio insuportável, dos que enriqueceram com a fome pública.

Estabelecida, pois, muito claramente, a responsabilidade do assabarcador, os consumidores não devem hesitar em se lançar na repressão dos excessos dos seus exploradores, compreendendo de vez que o actual estado de coisas não pode nem deve continuar, que se tem de terminar com a exploração do povo consumidor, tanto mais que o cômodo argumento das dificuldades, suscitadas pela guerra desapareceu, não sendo justificável que se mantenha a exagerada alta do custo da vida uma vez que já fundou o repugnante morticínio.

Desde já aconselhamos o consumidor a não confiar na ação do governo. Esse delírio de ataque à carestia da vida é bastante se assemelha ao que assaltou o sr. Sidónio Pais e outros políticos, traduzindo-se apenas na promulgação de medidas de efeito passageiro, que mais irão aumentar a confusão da legislação sobre carestia da vida, não resolvendo o problema, resultando, quando muito, desse passageiro delírio, um atenuamento, aliás pouco sensível, das dificuldades com que luta o povo, provenientes do viver caro e difícil.

Desde já o declaramos muito francamente: não confiamos na ação do governo. Este, pelas suas estreitas relações com a burguesia dominante, a que está ligado por mil e um interesses, não pode perseguir os seus fiéis aliados de sempre; quando muito, representará o papel principal na trágico-médio do combate à carestia da vida promovido pelas regiões oficiais. Umas apreensões, um ou outro estabelecimento encerrado — sedento por capaz — depois, os assabarcadores ficarão em paz; nunca mais serão molestados e poderão, à vontade prosseguir, com os seus inconfessáveis negócios.

A imprensa burguesa, aproveitando o ensejo, faz extensos reclames da ação governamental e despeja sobre os assabarcadores larga cotação de adjetivos mal somantes. Isto, porém, de forma alguma representa uma séria ofensiva contra os agentes da vida cara. Não é mais que uma segunda edição, correcta e aumentada, do que fez o sr. Botelho Moniz, edição lançada no mercado imediatamente para atrair poeira nos olhos do público, aliviando-se, assim, um pouco, a carregada atmosfera que tem respiro nos últimos dias.

Quem alguma coisa de eficácia poderá fazer contra o assabarcador é o consumidor. Ele, só é que se poderia lançar numa grande ofensiva, obrigando os exploradores do povo, os miseráveis sem escrúpulos que vivem da fome pública, a moderar os seus impetos. Em França, só os consumidores conseguiram, unindo-se em Ligas, o barateamento da vida; todas as tentativas dos governantes desse país resultaram inúteis.

Se sois indiferentes, cúmplices vós tornais.

Não incorrais na vergonha de ter permitido o assassinato, na Rússia, da grande liberdade que é comum a todos os homens.

Une-te, povo, povo do mundo! Se te dividem, é para reinar sobre ti!

Anatole France, Henrique Barbusse, Vítor Cyril, Jorge De Launay, Henrique Jacques, Laurent Tailhade, Raimundo Lejobre, Madalena Marx, Séverine, Steinlen, Vaillant-Couturier,

N. da R. — Que dirão a isto, a es-

ta corajosa atitude em favor da mai-

or e elevado o que é demais alto,

na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

ramente a ordem nova, na qual

abaixa todo o que é alto demais

e elevado o que é demasiadamente bai-

lo, na qual o trabalho constitui para

todos uma obrigação e a felicidade um

direito, na qual não haja em parte al-

guna estranheza, e que seja verdadei-

Os livros e os autores

La Catastrofe degli Czars,
Paola Valera, — Milano — Li-
braria Editrice Avanti! 1919

Temos sobre a nossa banca uma ba-
telada de opúsculos italiani de pro-
paga socialista, editados pelo Avanti! de
Milão. Iremos dando notícia deles à
medida que os possamos ler.

Falemos hoje do novo livro de Paulo
Valera, o panfletário de *La Folia*, que
desta vez consagra o acerado e o colo-
rido da sua pena à narração da desgra-
ça sucedida aos simpáticos tsares da
Rússia.

Neste seu trabalho de 128 páginas,
Valera faz história personalista e ane-
dótica, um tanto à laia jacobina, o que
não é a esta espécie de escritos a am-
nida do romance. E assim como que
um romance histórico de actualidade,
baseado num dos mais imponentes dra-
mas dos nossos dias.

Com o seu estilo nervoso e virulento,
Valera descreve-nos a vida monstruosa
do corte rússia, composta de tarados,
homossexuais, bêbados e prostítuas,
presidida por essa teratologia completa
que era o sinistro enfocador de todas
as Rússias e manejada por baixo de
mão pela mais ascorosa das figuras,
o monge Rásputin, o que dormia com
as cortesas, isto é, com as damas da
corte para as curar das tentações do
pecado.

As cenas e costumes que o autor nos
esboça a largas e fortes pinceladas pa-
recem fantasias descabeladas de imagi-
nações candentes. Falámos há pouco de
romance, mas nenhum romancista ou-
saria reproduzir aquilo, como nenhum
pintor se atreve a passar para a tela
certos aspectos inverosímeis da na-
tura, certos coloridos inacreditáveis do
horizonte.

Depois, numa rapidez cinematográfica,
passam-nos diante dos olhos os vários quadros das duas sucessivas re-
voluções russas, tudo esmalhado de per-
fisamente recordados e vincados, de episódios e anedotas que resumem tudo.

Paulo Valera despede os mais vibrantes
coriscos da sua cólera contra os
múndos hipócritas que ousam lastimar
o tsar, numa tentativa de santificação
de nome. Os miseráveis! Eles que não
têm lágrimas para as grandes catas-
trofes humanas! Uma lágrima pelo
tsar é um crime! E mais do que nuna-
ca, a sua prosa estala como um látego
em mãos irritadas, crepita como a ful-
gura no mais acro do combate.

Este opúsculo não é certamente obra
de historiador, nem é o pretendente: é
obra de panfletário, de combate, de
defesa. A hora é de luta, e Paulo Valera,
— il buon Paolino — que se comove
ant todas as infâmias e hipocrisias
tem a témpera do luto e do lutador e do
crimista da pena.

**Ditadura Policial, por Astro-
gildo Pereira — 1919 — Rio de
Janeiro.**

Num folheto de 16 páginas, escrito
nas horas ociosas da prisão, o nosso
camarada brasileiro Astrogildo Pereira
comenta com ironia um ofício do
chefe de polícia carioca ao inspector da
Polícia Marítima, documento em que o
defensor do desordem capitalista pro-
cura justificar a proibição da entrada
dos anarquistas no Brasil.

O mesmo historiador, nem é o pretendente: é
obra de panfletário, de combate, de
defesa. A hora é de luta, e Paulo Valera,
— il buon Paolino — que se comove
ant todas as infâmias e hipocrisias
tem a témpera do luto e do lutador e do
crimista da pena.

**Ditadura Policial, por Astro-
gildo Pereira — 1919 — Rio de
Janeiro.**

Nos armazens reguladores de preços
de Santa Marta, Terreiro do Trigo e
calçada do Desterro começou hoje a
venda de peixes das 9,30 às 12,30, sendo
neste vendidos 43 quilos de pescada a
preço de 65 centavos cada quilograma.
Dirigiu os serviços o sr. Alfredo Gonçalves.

Batata pôde
Na rua dos Anjos, 3, existe um depó-
sito de batata e cebola, no qual se en-
contra uma enorme quantidade do pri-
meiro destes gêneros mas já em estado
putrefacto e absolutamente impróprio
para consumo, sem dúvida em conse-
quência do seu proprietário a ter re-
tido longo tempo, furtando-a ao mer-
cado a esperar talvez de se lhe deparar
oportunidade de maior ganharia.

E' mais um benemerito.

PELA AÇÃO DIRECTA
2.250.000 trabalhadores ingleses re-
pidiam a luta política e legalista

LONDRES. — No Congresso dos Tra-
de-Unions, acabado de realizar em
Glasgow foi aprovado por 2.250.000 vo-
tos contra 208.600 uma moção precon-
zando a ação directa contra as ques-
tões de carácter político.

A maior parte da imprensa inglesa é
de opinião que o governo, em face do
voto das Trade-Unions, deve consultar
a nação para esmagar com o ferro político,
a forma de luta pela ação directa.

Relação de Lisboa

Foram nomeados inspetores perma-
nentes dos serviços judiciais os juízes da
Relação de Lisboa, drs. Caetano Fran-
cisco Cláudio Eugénio Gonçalves e
Eduardo Augusto de Sousa Monteiro.

**Congresso Nacional dos Empregados
do Comércio**

Prosseguem activamente os trabalhos
preparatórios do 6.º Congresso Nacio-
nal dos Empregados no Comércio, que
deve realizar-se na cidade de Santarém
em 28 e 29 do corrente.

Já nomearam delegados as associa-
ções do Pórtico, Fafe, Elvas, Setúbal,
Santarém, Vendas Novas, Olhão, Bom-
barval, Nazaré e Silves, e os jornais da
classe *Alvorada e Solidariedade*.

Entre as várias teses que o Congresso
vai ser submetendo destacam-se as
intituladas: "Os empregados no comér-
cio e o direito de greve" e "Higiene
nos lugares de trabalho".

Cruzada social

A *Cruzada Social* pede a todos
os trabalhadores um auxílio para
as suas instalações na rua António Ma-
ria Cardoso, 20. A Comissão desta
Cruzada receberá dos camaradas do
Bairro Social a quantia de 19550, pro-
duto de três questões abertas ali.

Um delegado da *Cruzada Social* en-
contra-se hoje na sede da C. G. T. das
21 horas em diante, para receber os
donativos que lhe sejam enviados.

E' feita posta a concurso uma vaga de
professor efectivo de licençado de Alexan-
dre Herculano.

Os que vivem
da fome pública

**Os assabarcadores querem
defender-se**

Parce que os grandes assabarcadores e especuladores de gêneros alimen-
tícios já estão concertando a forma de
contrariarem, ou mesmo de inutili-
sarem, as provisões que o governo
está adoptando e as que tencionam pro-
mover acerca da questão das subsis-
tências. Assim, a sua "révanche", de
caráter passivo, exercer-se-á principal-
mente pela suspensão da importação
dos gêneros de primeira necessidade
que costumam vir do estrangeiro. Da
mesma forma procederão os negocia-
dos de batata e de outros gêneros de
produção nacional.

Também parece que vão tomar grande
desenvolvimento os armazens regula-
dores dos preços dos gêneros de pri-
meira necessidade.

O escândalo do batata pôde

O sub-delegado de saúde dr. Ferreira
da Costa, acompanhado pelo cívico
1.011 da 17.ª esquadra, deu hoje por
incapaz o bacalhau que se continha em
11 fardos que a casa Correia Sarava e
Irmão, largo da S. Domingos 16 e 18. A
mais mandado para a Malveira, à consignação
de Dias e Cunha e que esta casa
reenviára para Lisboa por não estar
bono. O bacalhau conserva-se na
estaçao da Santa Apolónia e vai ser en-
viado para o guano.

— Para o tribunal seguiram Augusto
Gonçalves, travessa da Bica, aos Anjos, 18,
e António Augusto dos Santos, tra-
vessa do Hospital, 5, por andarem a
vender bacalhau em mau estado.

O sr. José Francisco Bona devol-
veu hoje, na estação da Requejo para
Lisboa, 11 fardos de bacalhau em mau
estado que lhe tinham sido enviados
por Pereira da Costa, rua dos Retiro-
zeiros.

Nas portas de Benfica foram ho-
je apreendidos por uma brigada de
fiscais, sob as ordens do agente A. Ro-
drigues, 500 quilos de bacalhau em es-
tado de putrefacção, pertencentes à firma
Ilídio Pereira & Irmão, com armazém
no largo do Corpo Santo, 12 e 14.

Foram inutilizados.
— Lembrar-nos de que há tanta crea-
tura com fome!

Arrozo em estado de putrefacção

Em deposito na Alfândega de Lisboa,
onde se encontram sonqeadas há mu-
chos meses, foram hoje descobertas por
uma brigada de fiscais, sob as ordens
do agente Ventura, 48.561 sacas de ar-
roz em completo estado de putrefacção,
pertencentes à Companhia Mercantil.

Feijão impróprio para consumo

A Francisco Caetano Barbosa, com
depósito de cereais no largo do Calvário,
8, foram apreendidas 60 sacas de
feijão mendo encarnado e branco jul-
gado impróprio para consumo, pelas
análises n.º 1179 e 1180, efectuadas no
Laboratório Químico Colonial. Esta
apreensão foi realizada pelo agente da
fiscalização Francisco Paula de Queiroz
Junior em 19 do corrente mês.

Venda de peixe

Nos armazens reguladores de preços
de Santa Marta, Terreiro do Trigo e
calçada do Desterro começou hoje a
venda de peixes das 9,30 às 12,30, sendo
neste vendidos 43 quilos de pescada a
preço de 65 centavos cada quilograma.

Dirigiu os serviços o sr. Alfredo Gonçalves.

Ontem, cerca das 14 horas, deu-se um

NA RUSSIA SOVIETISTA

A rendição do exército de Koltchak

LONDRES, 14. — Após uma mensa-
gem bolchevista, expedida de Moscou,
uma delegação do exército de Koltchak,
que operava no Sul, foi ao campo dos
exércitos de operários e camponeses
oferecer a sua rendição em nome de 15
a 20.000 homens.

Os bolchevistas anunciam, a captura
de um outro corpo de exército koltchak-
ista, cerca de Alatibubinec-Orsk, e que um
de 2000 cossacos.

Por outro lado, após a retirada de
muitos exércitos de camponeses e operá-
rios do front siberiano para lutar
contra os exércitos de Denikine, o exér-
cito branco tomou a ofensiva ao sul do
Transiberiano conseguindo fazer alguns
progressos, que não poderá manter
logos que os exércitos de camponeses,
operários se refaçam de surpresa.

GLASGOW, 14. — No congresso das
Trade-Unions pronuncia-se contra a
intervenção na Rússia:

"No caso do governo se recusar a
abandonar a ideia de manter o serviço
militar obrigatório e de persistir no en-
vio de expedições militares à Rússia,
um congresso especial será convocado a
fim de decidir sobre as medidas a tomar
no sentido de não consentir por mais
tempo a perpetração do crime da
burguesia contra a Rússia livre."

**Os estonianos resolvem aceitar as
propostas de negociação de
paz com os Soviéticos**

NAUEN, 17. — Segundo informações
de origem filandesa a assembleia consti-
tuída da Estonia resolveu aceitar a
oferta do governo soviético da Rússia,
suspenso-se imediatamente as opera-
ções militares que, nas últimas semanas,
não corriam favoráveis para os estonianos.

A situação está estacionária sobre o
front de Mourmans.

Na fronte ocidental desde que os es-
tonianos se recusaram a discussão das
propostas de paz com os bolchevistas os
combates sucedem-se em todas as frentes
entre os exércitos brancos e os de
operários e camponeses.

A revolução em Arkângel

LONDRES, 14. — Telegrafam de Co-
penhague ter sido descoberto um com-
plot para fazer rebentar a revolução
em Arkângel, a favor do estabelecimento
do regime dos Soviéticos. Os conspira-
dores estavam em relações directas com
o governo de Moscou. Doze bolchevistas
foram presos tendo sido sete sumariamente
condenados à morte.

Presos por bolchevistas

Há cinco dias que se encontram na
esquadra do Caminho Novo os operá-
rios Miguel da Silva Ribas e Mário
Dias, sob a acusação de bolchevistas,
tendo sido presos no quartel da guarda
republicana à Ajuda, em cujas obras
trabalhavam. Para a situação destes
operários chamamos a atenção da comis-
são prô-presos por questões sociais.

Reuniu esta comissão, que apreciou o
expediente, o qual constava da noticia

de que os presos eram da guarda
republicana à Ajuda, em cujas obras
trabalhavam. Para a situação destes
operários chamamos a atenção da comis-
são prô-presos por questões sociais.

Reuniu esta comissão, que apreciou o
expediente, o qual constava da noticia

de que os presos eram da guarda
republicana à Ajuda, em cujas obras
trabalhavam. Para a situação destes
operários chamamos a atenção da comis-
são prô-presos por questões sociais.

Reuniu esta comissão, que apreciou o
expediente, o qual constava da noticia

de que os presos eram da guarda
republicana à Ajuda, em cujas obras
trabalhavam. Para a situação destes
operários chamamos a atenção da comis-
são prô-presos por

TRIBUNA SINDICALISTA

As formas económicas actuais são incompatíveis com as necessidades técnicas e económicas que o maquinismo impõe

Quando mesmo a classe patronal não empregasse a ferramenta industrial que possui em determinar graves perturbações sociais, nem por isso o aparecimento do maquinismo tornaria menos impossível a manutenção da direção patronal, da propriedade privada e da multiplicidade de empresas. A experiência, com efeito, revela que se não poderia utilizar plenamente o maquinismo nas sociedades modernas, porque suas formas económicas não permitem satisfazer as necessidades técnicas que ele impõe.

Para apresentar todas as vantagens, o industrialismo moderno exige a realização prévia das seguintes condições:

1.º A livre disposição do solo agrícola e urbano, necessidade técnica de importância capital;

2.º A instalação de edifícios especiais, fábricas, manufaturas, etc.;

3.º Uma ferramenta considerável e ameade renovada, bem como enorme quantidade de matérias primas;

4.º Um pessoal de direcção, numeroso e instruído;

5.º Frequentes mudanças na distribuição dos trabalhadores;

6.º Um importantíssimo capital inicial de dinheiro.

Ora as formas económicas actuais são evidentemente incompatíveis com tais necessidades: a propriedade privada, o direito de venda, da doação, da locação, são incompatíveis com a livre disposição do solo; um capital inicial importantíssimo é uma necessidade quase sempre incompatível com os recursos de que dispõem os patrões; um pessoal de direcção numeroso e instruído é ás mais das vezes uma necessidade que a pouca importância das empresas patronais não permite satisfazer; frequentes mudanças na distribuição dos trabalhadores é uma medida incompatível com a multiplicidade de empresas e de direcção. Daqui se deduz que estas formas económicas se opõem de forma irremediável ao emprego generalizado e intensivo do industrialismo moderno.

Eles colocam as sociedades actuais na alternativa seguinte: renunciar, pelo menos parcialmente, o que é absurdo, às prodigiosas vantagens que o maquinismo comporta; ou instaurar formas económicas novas, tais como a direção sindical, a propriedade social e a unidade de empresa, que são adaptadas às necessidades técnicas que impõem e que, por conseguinte, não são um obstáculo ao seu emprego.

Vamos demonstrar que a propriedade privada do solo e do material industrial, a direção patronal da produção e a multiplicidade de empresas se opõem ao emprego do maquinismo:

1.º Na indústria agrícola;

2.º Na instalação das cidades e das casas de moradia;

3.º Na grande indústria e nas indústrias de consumo das cidades;

4.º Na execução das obras públicas.

II

A propriedade privada e a direção patronal são incompatíveis com as necessidades impostas pelo maquinismo agrícola. — A pequena cultura praticamente actualmente em França sobre quase metade do solo; é feita com material lastimável, e as construções que servem aos animais e aos diferentes serviços agrícolas são rústicas; a ferramenta reduz-se a instrumentos primitivos movidos por bois ou cavalos. O pessoal, composto de homens, mulheres e crianças, carece de conhecimentos técnicos necessários, e é rotineiro. A grande cultura, embora bem provida de utensílios, está ainda longe de aproveitar os meios de ação que possuem. Com tais condições de exploração, empregam-se milhares de indivíduos, isto é, um trabalho manual considerável para obter um rendimento dos mais mediocre.

Depois do aparecimento do maquinismo e dos descobrimentos da química, podiam-se transformar todas estas condições de exploração; podia-se reduzir de três quartas partes o pessoal e aumentar o rendimento dos diferentes ramos da indústria agrícola; grande cultura, criação, culturas industriais, etc. Para isto, porém, seria preciso poder satisfazer as necessidades técnicas que o maquinismo impõe.

A actual ferramenta agrícola, para utilizar a sua força e produtividade exige extensões de terrenos de muitos milhares de hectares seguidos. Além disso, para poder empregar tal ferramenta, tem que se executar antes cer-

N.º 205 de A BATALHA Folhetim N.º 15

NO CHILE também há «cascas de laranja». SANTIAGO DO CHILE, 14.—O ministro deu a demissão. — H.

objectos como raios de um astro, e seguia esse olhar, que ia do sobrado ao vestuário, vibrante de luz e de carícia. O silêncio continuava, inquietador. Pensou que era eu a causa desse constrangimento e dispunha-me a retirar-me, quando Lirat exclamou:

— Ah! Perdão... Tinha-me esquecido... Minha senhora, permita-me que lhe apresente o sr. Jean Mintié, meu amigo.

Ela saudou-me com um meio e gracioso movimento de cabeça, e, numa voz muito suave, que me comoveu deliciosamente, disse:

— Folgo imenso senhor... mas, coñego o muto.

Muito vermelho, pronunciou algumas palavras confusas e banais; Lirat, astuto, interveiu:

— Não vai fazê-lo acreditar que lhe leu o livro...

— Peço perdão, sr. Lirat... Li-o... E' magnifico.

— Sim; igual ao meu atelier e às minhas pinturas, não é verdade?

— Ah! não!

Disse isto com franqueza, com um riso que vibrou pelo aposento, como o guincho de uma ave.

Aquele riso desgostou-me. Apesar do timbre ser sonoro e confiado, tinha falso. Não o achava em harmonia com a expressão tan delicadamente triste daquela fisionomia; e depois maguava-me como um insulto, na minha admiração.

De toda a sua pessoa elegante e fina, de onde, apesar do sorriso que a tornava sedutora, se desprendia um grande de as de decência e mesmo de dignidade, em si distinguia bem os seus olhos, que possuíam sobre os

olhos que se estupravam por aque-

lado de um olhar que se estuprava.

— Não sei porquê, ter-me-ia sido agradável que ela se estupravasse por aque-

lado de um olhar que se estuprava.

— E' muito amável, minha senhora. Mas, precisamente na sexta feira, isso torna-se-me completamente impossível... E' o meu dia de Instituto!

— Está gracando!... Charles ficará perioso com a sua recusa.

— Apresentar-lhe há todas as minhas desculpas, não é verdade?

— Bem, adeus, senhor Lirat!... Em sua casa ficamos gelados.

— Ao passar c'nto de mim, estendeu-me afectuosamente a mão.

— Senhor Mintié, estou em casa todos os dias, das cinco ás sete... Ser-me ia muito agradável vê-lo... muito agradável para conversação.

A mulher tinha-se levantado. Deu alguns passos pelo atelier, para dante da máquina da sua voz; nos olhos, um pouco da docura do e' olhar; e, no atelier, o perfume violento dos seus cabulos, da sua capa, do seu regalo, do seu pequeno lenço.

Lirat remexia reconhecendo a trabalhar, sem dizer uma palavra; eu, folheava um livro que não lia, e sobre as páginas que se moviam, passava sem cessar a imagem da jovem visitante. Não procurava saber que impressão me tinha ficado dela, nem mesmo se me tinha ficado alguma impressão; mas, apesar de ter partido, parecia que alguma coisa tinha deixado em mim. Ficou-me desta breve aparição alguma coisa de indeciso, como um vapor que tivesse tomado forma, e onde eu via o desenho da cabeça, a inclinação da boca, o movimento dos ombros, a ondulação do talhe, e essa alguma coisa não me abandonava

o espírito... Parecia-me vê-la ainda, sobre a cadeira que acabava de deixar, sob uma forma vagamente encantadora, com o terno sorriso luminoso, que irradiava dela e a circundava dum halo de amor.

— Quem é esta mulher? — perguntou de repente, esforçando-me por achar indiferença.

— Qual mulher? — disse Lirat.

— Aquela que saiu agora daqui!

— Ah! sim!... E' verdade! E' uma mulher como as outras.

— Também me parece... Mas isso não é bastante para ficar sabendo como se chama, e quem é...

Lirat remexia na caixa dos pastéis... Respondente negligente:

— Tens interesse então em saber como essa mulher se chama?... Estranha curiosidade... Chama-se Juliette Roux...

— Parece a nota biográfica, a polícia de costumes pode fornecer-te tantas questões desejáveis, suponho eu... Creio que mademoiselle Juliette Roux se levanta tarde, engana e arruma, quanto pode, o pobre Charles Malterre, um belo rapaz que já aqui viste, e de que ela actualmente é possuidora... Enfim, é como as outras, com a agravante de que é mais bonita do que muitas, e por consequência mais estupida e malfeita das frases... Parecia dizer-me: «Como eu sofro, mas como isto é bem escrito!»

— Que d'ol!

— Ah! tu detestas as mulheres! — exclamei, quando ele concluiu a sua tirada.

— Banalmente acrescentou:

— Dir-se-ia que te tem feito sofrer muito!

Lirat encolheu ombros e sorriu-se.

— Falas como Delaunay, da *Comédie Française*. Não, não, meu bom amigo, não fui sofrido; tenho visto sofrer os outros, e isso me basta... Compreendes?

— De repente, levantou a voz, brilhou-lhe nos olhos um clara quasi feroz, e

— (Continua).

A BATALHA

O regime das oito horas e os comerciantes

Carta dum empregado no comércio

De Mário Pinto, caixeiro sindicado, recebemos a seguinte carta, em que se demonstra a exiguibilidade do regime das 8 horas no comércio e se verbera a altitude dos «honorários» comerciantes nessa praça.

Caro redactor: — No dia 9 p. f. foi convocada a assembleia geral da Associação Comercial de Lisboa, assembleia que se não realizou por falta de número, ficando, por isso, transferida para o dia 16. Entre os vários assuntos discutidos figurava o decreto das 8 horas de trabalho. Foram os comerciantes que apresentaram uma moção que francamente, melhor seria que não apresentassem, deixando de evidenciar assim, as intrusões e as mentiras de que exploradores do povo se costumam servir.

Entendo dever tornar pública a exploração de que sou vítima por parte de uma criatura de nome Ana Maria Ferreira que, tendo alugado um prédio a Alfredo D. Doses Magno na travessa de Santa Marta, 13, a subarrrendou a 13 inquilinos. Segundo diz, paga de renda, a quantia de 100\$00 mensais (a propriedade não justifica tal renda) e aluga a esses 13 inquilinos diversas casas obtendo mensalmente 126\$00.

Um só quarto está alugado pela quantia de 10\$00 e 2 quartos alugam-se por 18\$00. Não contente com isto exigiu ainda o aumento de 3\$00 a um e 2\$00 a outros num total de mais 14\$00 por mês, ficando portanto, a rendeira a 14\$00! Não podendo conformar-me com esta exploração infame, venho, portanto, pedir provisões a quem possa pôr cobro a tanta infâmia.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das parturias.

— Pelo ministro do trabalho foi aprovado o parecer criando a mutualidade obrigatoria para o seguro da doença, da conceição e das

"A BATALHA,"

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico — Talhava — LISBOA

ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, 50 — Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, 140; 6 meses, 340; 1 ano, 680. Territórios da União Postal: 6 meses, 520; 1 ano, 1040.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. — A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura

ANÚCIOS

Recebem-se, bem como reclamos, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contêm acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração da Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante o imposto de sêlo, 2 centavos. Accitam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

TUBO de chumbo novo para Água e Gás.

Tubo de ferro fundido para algorizes de 4".

Um motor a gás pobre completo Socoport, 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro e três folhas.

Uma vantoinha 7" 3/4.

Duas enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para calhas.

Taboado diverso.

Clemento.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Aço francês especial para minas 1" 1/4 octavado.

Folhas novas de molas.

Ferragem diversa para navios.

Fio de canhamo francês em bobines.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Pôco Novo

Louças esmalтadas, vidros, jarras, candeiros, faiâncias, porcelanas, etc., etc. Serviços de jantar e almoço em faiâncias e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de "A Batalha", tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Satisfazem-se encomendas para a província — ilhas e colónias —

Largo do Pôco Novo, 22 — Lisboa (junto da C. do Combro, defronte da Palmeira)

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros Grande sortimento em chapéus, lisos e meias em cores lindíssimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE COCO, SEDA E FLAMÃO

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

Estabelecimentos

Séde: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: Rua dos Poiais de S. Benito, 74, 74-A.

2.º Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29.

3.º Sucursal: Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58.

FÁBRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo) (32)

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

AVISO AO PÚBLICO

2.º aditamento tarifa especial n.º 14 — Pequena velocidade e pagamento dos vágões postos pelos expedidores à disposição do Caminho de Ferro

A partir de 20 de corrente a 5.º das condições particulares da tarifa especial n.º 14 de P. V. em aplicação desde 20 de Janeiro de 1912 fica substituída pelo seguinte:

3.º Taxa de estacionamento de vágões:

a) Vágões comum, 50 por vágão e período indivisível de 24 horas, 20 Vágões vazio, 10 por vágão e período indivisível de 24 horas.

b) Vágões comum, 15 por vágão e período indivisível de 24 horas.

c) Vágões comum, 10 por vágão e período indivisível de 24 horas.

d) Vágões comum, 5 por vágão e período indivisível de 24 horas.

e) Vágões comum, 2,5 por vágão e período indivisível de 24 horas.

f) Vágões comum, 1,5 por vágão e período indivisível de 24 horas.

g) Vágões comum, 1 por vágão e período indivisível de 24 horas.

h) Vágões comum, 0,5 por vágão e período indivisível de 24 horas.

i) Vágões comum, 0,25 por vágão e período indivisível de 24 horas.

j) Vágões comum, 0,125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

k) Vágões comum, 0,0625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

l) Vágões comum, 0,03125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

m) Vágões comum, 0,015625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

n) Vágões comum, 0,0078125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

o) Vágões comum, 0,00390625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

p) Vágões comum, 0,001953125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

q) Vágões comum, 0,0009765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

r) Vágões comum, 0,00048828125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

s) Vágões comum, 0,000244140625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

t) Vágões comum, 0,0001220703125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

u) Vágões comum, 0,00006103515625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

v) Vágões comum, 0,000030517578125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

w) Vágões comum, 0,0000152587890625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

x) Vágões comum, 0,00000762939453125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

y) Vágões comum, 0,000003814697265625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

z) Vágões comum, 0,0000019073486328125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

aa) Vágões comum, 0,00000095367431640625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

bb) Vágões comum, 0,000000476837158203125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

cc) Vágões comum, 0,0000002384185791015625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

dd) Vágões comum, 0,00000012020928955078125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

ee) Vágões comum, 0,000000060104644775390625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

ff) Vágões comum, 0,0000000300523223876953125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

gg) Vágões comum, 0,00000001502616119384765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

hh) Vágões comum, 0,0000000075130805969238125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

ii) Vágões comum, 0,00000000375654029846190625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

jj) Vágões comum, 0,000000001878270149230953125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

kk) Vágões comum, 0,0000000009391350746154765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

ll) Vágões comum, 0,000000000474567537307738125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

mm) Vágões comum, 0,00000000023728376865386953125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

nn) Vágões comum, 0,000000000120641884327934765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

oo) Vágões comum, 0,0000000000603209421639698125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

pp) Vágões comum, 0,000000000030160471081984953125 por vágão e período indivisível de 24 horas.

qq) Vágões comum, 0,00000000001508023554099249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

rr) Vágões comum, 0,000000000007540117770497249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

ss) Vágões comum, 0,0000000000037700588852496249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

tt) Vágões comum, 0,00000000000188502944262481249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

uu) Vágões comum, 0,000000000000942514721312406249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

vv) Vágões comum, 0,0000000000004712573606562031249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

ww) Vágões comum, 0,00000000000023562868032810151249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

xx) Vágões comum, 0,000000000000117814340164050751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

yy) Vágões comum, 0,0000000000000589071700820253751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

zz) Vágões comum, 0,00000000000002945358504101268751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

aa) Vágões comum, 0,000000000000014726792520506343751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

bb) Vágões comum, 0,0000000000000073633962602531718751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

cc) Vágões comum, 0,00000000000000368169813012658593751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

dd) Vágões comum, 0,0000000000000018408490650628294751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

ee) Vágões comum, 0,00000000000000092042453253141473751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

ff) Vágões comum, 0,00000000000000046021226626570718751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

gg) Vágões comum, 0,000000000000000230106133132853593751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

hh) Vágões comum, 0,000000000000000115053066564427793751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

ii) Vágões comum, 0,000000000000000057526533282213893751249765625 por vágão e período indivisível de 24 horas.

jj) Vágões comum, 0,00000000000